

Os exercícios foram a primeira resposta substantiva da China ao juramento do presidente Lai Ching-te, que Pequim não gosta Taipei na segunda feira. O partido político de Srs lais afirma o status separado Taiwan e chinês; Em um discurso inaugural alto perfil ele prometeu manter democracia taiuanesa segura contra pressão chinesa ”.

A China, que reivindica Taiwan como seu território e tem respondido principalmente ao discurso de Lai com críticas agudas. Mas aumentou sua resposta na quinta-feira anunciando estar realizando exercícios marítimos ou aéreos para cercar o país próximo às ilhas taiuanesas Kinmen Matsu Wuqiu - Dongyin no Estreito do Estado da Formosa (Tawan).

Desde o início dos exercícios até a tarde, 15 navios da marinha chinesa e 16 embarcações chinesas de guarda costeira foram detectados torno das principais ilhas do país. Segundo autoridades oficiais num briefing realizado na capital Taipé disse que nenhuma aeronave ou embarcação havia entrado nas águas territoriais taiuanesas por enquanto

Um Discurso Sobre as Guerras Todo o Mundo

Existe uma regra de ouro na política que os líderes nacionais não interferem nas eleições de outros países. Conte a isso a Volodymyr Zelenskyy, que pisou nos dois pés na campanha presidencial americana há uma semana, usando botas de combate do tamanho 10. O barulhento estampido poderia ser ouvido tão longe quanto Kyiv (o que talvez fosse o ponto).

Visitando uma fábrica de munições Pensilvânia, um estado crucial, o presidente ucraniano cansado da guerra disse ao candidato republicano Donald Trump que, quando se tratava de sua política de cortar suprimentos de armas e aceitar a paz termos de Vladimir Putin, ele estava falando "do seu traseiro". E o companheiro de chapa estranho de Trump, JD Vance, era simplesmente "perigoso", ele disse.

Os comentários francos de Zelenskyy e seu abraço quente com Josh Shapiro, governador da Pensilvânia e aliado próximo do rival democrata de Trump, Kamala Harris, fizeram os republicanos cuspirem sangue. O presidente da Câmara Mike Johnson denunciou a visita como um "evento de campanha partidário projetado para ajudar os democratas".

Também estava indignado o filho falante de Trump, Donald Trump Jr, pela intervenção coruscante do popular Zelenskyy. "Um líder estrangeiro que recebeu bilhões de dólares financiamento de impostos americanos vem para nosso país e tem a audácia de atacar o bilhete do Partido Republicano para presidente? Vergonhoso!" ele gemeu.

Embora tudo isso seja divertido, ilustra um fenômeno problemático mais amplo no mundo moderno. Em um mundo inescapavelmente interconectado, para citar uma frase bem conhecida, toda a política é global. A guerra da Ucrânia importa nas eleições americanas. Muitos ucranianos e americanos de origem polonesa vivem Pensilvânia, um estado que decide muito próximo. Seus votos podem decidir quem vence a Casa Branca.

É muito o mesmo com a guerra Gaza e no Líbano, onde a suposta cumplicidade de Joe Biden com o governo israelense agressivamente criminoso e de direita tem alienado eleitores democratas e independentes dos EUA. Conversamente, a abordagem futura de Trump e Harris afeta os cálculos dos líderes Jerusalém – e Teerã, também. O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu cede à pressão americana para concordar com um cessar-fogo geral ou continua lutando na esperança de que o menos escrupuloso, mais compatível ideologicamente Trump venha novembro? Provavelmente Putin está seguindo um processo de pensamento semelhante, procurando uma maneira de escapar de seu impasse ucraniano enquanto ainda reivindica a vitória.

O presidente iraniano, Masoud Pezeshkian, ofereceu um ramo de oliveira notável ao Ocidente na

Assembleia Geral das Nações Unidas na semana passada, propondo reviver o pacto nuclear arruinado por Trump 2024. Ele entende que, se Trump retornar, o destino de seus aliados Hezbollah no Líbano pode ser o menor de seus problemas. Confronto direto Israel-Irã-EUA estará de volta na agenda.

Não há dois guerras iguais, e isso é verdade para a Ucrânia e o Oriente Médio. No entanto, além da política dos EUA, vários aspectos externos são comuns às duas. Um deles é o crescente divide, visto na Assembleia Geral das Nações Unidas nos últimos dias, entre o Ocidente e o sul global – países como o Brasil, o México e a Índia – sobre como abordar os conflitos.

Essa confronto parcialmente reflete a paralisia, causada principalmente pelos EUA, Rússia e China, que tornou o Conselho de Segurança das Nações Unidas cronicamente não reformado, não ampliado e inadequado ao seu propósito. Resoluções de cessar-fogo ambas as guerras foram repetidamente e irresponsavelmente vetadas. O multilateralismo está seus últimos suspiros, alerta o secretário-geral das Nações Unidas António Guterres.

No entanto, a crítica mais ampla feita aos governos ocidentais – que eles seguem um duplo padrão ao condenar enormes vítimas civis na Ucrânia enquanto continuam a armar Israel enquanto inflige destruição semelhante – é difícil de ser refutada. Alimenta uma narrativa mais ampla de excepcionalismo ocidental que, por exemplo, submina a ação cooperativa sobre o clima.

Ignorar a promoção da newsletter

Os protagonistas de ambos os conflitos continuam a infringir os Convenções de Genebra um grau possivelmente sem precedentes

O que mais os conflitos na Ucrânia e na Faixa de Gaza e no Líbano têm comum? Ambos são economicamente desastrosos para todos os interessados. A Rússia sofreu sérios danos, parte devido a sanções ocidentais, mas principalmente devido ao enorme custo financeiro da guerra. O PIB de Israel contraiu 4,1% após 7 de outubro, diz a Organização para a Cooperação Econômica e o Desenvolvimento, e a queda está continuando. O sofrimento extremo dos palestinos Gaza não requer elaboração aqui.

Ambos os conflitos são um cemitério diplomático. Os mediadores frustrados do Egito e do Catar na Faixa de Gaza quase desistiram. Pobre Antony Blinken, o secretário de Estado dos EUA, que fez múltiplas viagens para o Oriente Médio e voltou vazio cada vez. A Turquia, o Brasil e a China lançaram planos de paz para a Ucrânia. Zelenskyy tem um "plano de vitória". Nenhum deles prosperou.

Os protagonistas de ambos os conflitos continuam a infringir os Convenções de Genebra e o direito humanitário internacional um grau possivelmente sem precedentes. Os civis são regularmente alvejados – enquanto oficiais mentem abertamente sobre alvejar civis. Milhares de pessoas morreram. Reféns foram tomados ambos os conflitos. Ninguém é poupado. Na Faixa de Gaza, mais de 16.000 crianças foram mortas.

Também chocante é a impunidade disfrutada pelos líderes de guerra. Putin foi acusado de crimes de guerra supostos por último ano pelo Tribunal Penal Internacional (TPI). Não apenas ele não foi preso, ele recebeu o tratamento de tapete vermelho recentemente Mongólia, signatário do TPI.

Da mesma forma, o promotor-chefe do TPI solicitou um mandado de prisão maio para Netanyahu, junto com líderes do Hamas, por supostos crimes de guerra. Ainda não foi emitido. Por que? Uma decisão julho pelo Tribunal Internacional de Justiça das Nações Unidas declarando a ocupação de território palestino por Israel ilegal e ordenando uma retirada é contemptuosamente ignorada.

A repressão brutal da dissidência, a liberdade de expressão e os meios de comunicação independentes após a invasão na Rússia encontra um eco na vontade do exército israelense de matar e banir jornalistas, o governo recente assumindo poderes especiais e o fechamento de saídas de mídia críticas como Al Jazeera.

Estes são alarmantes precedentes para as guerras do futuro. Mais do que nunca, os líderes de

guerra modernos como Putin e Netanyahu usam o conflito para consolidar seu poder, desafiam a responsabilidade democrática, rasgam o livro de regras internacionais, transgridem tabus e empurram os limites da inhumanidade. A guerra se torna a justificativa para o injustificável. A guerra se torna um fim si mesma.

Simon Tisdall é o comentarista de assuntos externos do Observer

Informações do documento:

Autor: poppaw.net

Assunto: cnpj arbety

Palavras-chave: **cnpj arbety - poppaw.net**

Data de lançamento de: 2025-02-27